



# O G TÊXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

Recolhe Dinheiro  
para « O Têxtil »

## POR ELEIÇÕES IMEDIATAS NO SINDICATO DO PORTO

O Supremo Tribunal Administrativo confirmou a decisão do Tribunal do Trabalho do Porto, considerando elegíveis os candidatos da lista B que o rafeiro do patronato João Baptista Martins, chama de comunistas. Mas J. B. Martins não se deu por vencido, e apresentou no Tribunal nova acção, desta vez contra a Comissão Administrativa do Sindicato do Porto, por ter aceite uma lista de que, segundo ele, fazem parte indivíduos de ideal comunista, acusação que os fascistas sempre fazem aos trabalhadores leais à sua classe.

É evidente que o objectivo de mais esta manobra é prolongar a situação irregular em que se encontra o Sindicato, à frente do qual continua uma Comissão Administrativa facia do patronato. É evidente, também, que por detrás do J. B. Martins estão os capitalistas da têxtil e o Governo fascista. Não podemos ter dúvidas a este respeito. J. B. Martins não é mais do que um instrumento nas mãos do patronato e do fascismo, um meio de que estes se servem para dificultar ao máximo a luta da nossa classe.

Por isso mesmo, não devemos alimentar ilusões de que, uma vez desmascarado e vencido definitivamente esse traidor, tudo será fácil para nós. O patronato e o fascismo servem-se de todos os meios para tentar travar a luta dos trabalhadores, e portanto temos de contar com novas dificuldades.

Seria um erro enorme desprezarmos, neste momento como em qualquer outro, o trabalho de massas, a mobilização de toda a classe na luta por marcação imediata de eleições e pela vitória, nestas, da lista da confiança da classe: a lista B.

É de combater toda e qualquer posição oportunista (vêha ela de onde vier), tendente a negar a importância decisiva da luta de massas e a substituí-la por manobras de gabinete, de costas para a classe, ou pela acção dos advogados.

Temos de ser nós a exigir, em massa, que o Tribunal reuna imediatamente e confirme a decisão anterior, considerando elegíveis os candidatos da lista B. Temos de ser nós a com-

(cont. na pag. 5)

## VIVA O 1.º DE MAIO!

Em vésperas de maio, « O Têxtil » saúda a classe têxtil, exortando-a a comemorar o Dia Internacional dos Trabalhadores.

Lutando nas empresas por aumentos de salário e por melhores condições de trabalho; exigindo a imediata realização de eleições no Sindicato, para escorçoar a Comissão Administrativa e ali colocar uma direcção da sua confiança; juntando-se a outros trabalhadores de outras classes para confraternizar e festejar esse dia, os trabalhadores da têxtil comemoraram condignamente a data gloriosa do 1.º de Maio.

Para os trabalhadores de muitos países esse dia será de confraternização e de festa; para os trabalhadores portugueses, subjugados por um regime fascista, ele deverá ser fundamentalmente de luta pela conquista das suas reivindicações.

Sendo o feriado do 1.º de Maio uma velha aspiração da classe operária do nosso País, os trabalhadores não o farão impôr ao fascismo e ao patronato. É a partir da empresa que ele deverá ser imposto. Lá, onde houver condições, que ninguém trabalhe!

# Contra a carestia da vida!

Não é novidade para qualquer trabalhador, e particularmente para a mulher operária ou simples dona de casa, a dificuldade com que diariamente depara para poder satisfazer com o magro salário que semanal ou quinzenalmente recebe, as exigências das despesas diárias do seu lar.

Já há anos que se vem acentuando este constante aumento do custo de vida, incidindo sobretudo nos produtos de primeira necessidade, atingindo ultimamente proporções alarmantes. Desde a carne, o leite, as hortaliças, o peixe, até às rendas de casa; só para citar alguns exemplos, tudo aumentou substancialmente. E como se verifica, tudo isto são coisas sem as quais não poderemos passar.

É sobre os trabalhadores que recai o grande peso deste constante aumento dos preços, já porque os salários que recebem são baixos, porque qualquer subida destes é imediatamente absorvida pela constante alta dos preços e porque também a política de congelamento de salários continuada pelo governo de Marcelo Caetano, em defesa das fabulosas margens de lucro dos capitalistas, acentua diariamente as dificuldades dos trabalhadores.

Numa das últimas conversas que Marcelo Caetano veio impingir através da televisão, iludindo a verdadeira face do problema, tentou lançar as culpas para cima dos trabalhadores, acusando-os de uma

perigosa mentalidade reivindicativa, acrescentando que se os trabalhadores pedissem maiores aumentos isso viria incidir no levantamento dos preços entrando-se no que chamam um círculo infernal. A realidade porém é bastante diferente e M. Caetano, aqui como noutras vezes, tentou simplesmente deitar pó para os olhos dos trabalhadores.

Os próprios números manipulados pelo Governo desmentem esta afirmação quando registam uma substancial diferença entre o aumento dos preços e o aumento dos salários. A exemplo disso poderemos dizer que, e só no que diz respeito à cidade do Porto, enquanto os preços aumentaram em média 15,2%, em 1971, o salário das fiandeiras (classe das mais numerosas da indústria têxtil) aumentou somente 5,2%. O exemplo que se dá com as fiandeiras e com a cidade do Porto pode aplicar-se ao resto do País pois a alta de preços é um fenómeno generalizado. Aliás, os trabalhadores sejam eles do Porto ou da Covilhã, de Castelo Branco ou de Tortozendo, de Guimarães ou de Famalicão, sentem diariamente a verdade destas afirmações na sua própria pele.

Como se verifica não são os aumentos de salário mas as margens fabulosas dos super-lucros dos capitalistas, que o Governo tão ciosamente defende, como ainda e principalmente as astronómicas despesas com as guerras

injustas na defesa de interesses que não são os do nosso povo, as guerras coloniais, que são o principal factor do aumento dos preços e do constante atraso do nosso País.

Só se poderá fazer frente a esta situação através de uma luta tenaz, dos operários, de todos os trabalhadores, em cada empresa, por aumentos de salário, conjugada com a luta nos sindicatos por eleições de direcções honestas e pela conquista de novos contratos colectivos de trabalho.

Além de trabalhadora, como mulher, a mulher têxtil em conjunto com outras mulheres, donas de casa, com toda a população, deve fazer sentir nos mercados, junto às câmaras, juntas de freguesia, etc., a voz do seu descontentamento, do seu protesto, exigindo do Governo medidas para fazer face ao problema.

Neste como noutros casos só a luta unida de nós todos poderá conseguir a vitória que desejamos.

## RÁDIO PORTUGAL LIVRE

Trabalhadores da têxtil!  
Ouvem RÁDIO PORTUGAL LIVRE! Todos os dias das 8 às 8,50 em 19 metros, das 19 às 21 horas em 19 e 26 metros e da meia noite e vinte à meia noite e cinquenta em 26, 32 e 56 metros.  
Aos domingos transmite ainda das 15 às 13,50 em 19, 20, 25 e 26 metros.

## Paralisação na Sitenor

**MATOSINHOS**—No fim do mês de Fevereiro, os operários do primeiro turno paralisaram o trabalho durante 50 minutos (das 14,30 às 15 horas), o mesmo fazendo os do turno seguinte (entraram às 15 e só puseram as máquinas em funcionamento às 15,30 horas). O objectivo desta acção dos operários da Sitenor era conseguir um aumento dos salários. A Administração da empresa (que pertence ao grupo monopolista CUF) respondeu com o despedimento de alguns operários.

É necessário que os trabalhadores da Sitenor não se deixem intimidar com os despedimentos e as ameaças patronais e continuem a sua luta, exigindo aumento de salários e a readmissão dos companheiros de trabalho despedidos. Para isso, devem organizar-se em comissões, nas várias secções e turnos, comissões essas compostas por operários sérios e combativos, que não se vendam nem cedam às pressões da administração.

## Fábrica de Sedas Aviz

A administração desta empresa pretêdia acabar com o regime de «semana americana» restabelecendo o de semana normal. Em face disso, os operários puseram imediatamente a circular um abaixo-assinado exigindo a manutenção da «semana americana» e obrigaram a administração a ceder.

## EXIJAMOS O PAGAMENTO DOS 25% NO TRABALHO NOCTURNO

Pelo Decreto-Lei 403-71, o trabalho nocturno (trabalho prestado entre as 20 e as 7 horas) deve ser pago com um acréscimo de 25%. Os capitalistas procuram não o fazer, passando por cima da própria lei fascista feita pelo seu Governo. Esta ilegalidade verifica-se em muitas empresas, como por exemplo na «Goats & Clark» (Vila Nova de Gaia), na «Fábrica de Fiação e Tecidos de Jacinto» (Porto), «José Ribera» (Senhora da Hora), etc.

Devemos ir em massa ao Sindicato exigir que nos sejam pagos os 25%, a que temos direito, bem como, em cada empresa obrigar os patrões a cumprirem a lei. São os nossos interesses que estão em jogo, só a nossa acção organizada e unida pode defendê-los!

## POR ELEIÇÕES IMEDIATAS NO S. DO PORTO

(cont. da pág. 1)

parecer, em massa, no tribunal, mostrando claramente ao Juiz, uma vez mais, que os têxteis do Porto consideram homens sérios e dignos todos os candidatos da lista B, e transformar o julgamento numa grande jornada de luta contra o patronato e o fascismo. Temos de ser nós a exigir, logo em seguida, junto do INTP e da Comissão Administrativa, a marcação imediata de eleições. Temos de ser nós, finalmente, a levar a vitória à lista que o patronato e o Governo fascista procuram impedir a todo o custo de ir para a frente do Sindicato.

No imediato, o facto de as eleições não poderem ser marcadas antes do julgamento da acção movida pelo fantoche J. B. Martins não deve impedir-nos de desenvolver um amplo trabalho de esclarecimento e mobilização de todos os operários e operárias têxteis com vista à vitória da lista B. Paralelamente à elaboração de abaixo-assinados e telegramas ao Tribunal do Trabalho do Porto e ao INTP, devemos organizar imediatamente em cada empresa comissões de apoio à lista B, a fim de garantirmos a sua vitória nas eleições.

Não podemos cair em facilidades, acreditando que a lista A não oporá grande resistência e que a vitória eleitoral será fácil. As facilidades e o desprezo pelo trabalho de massas só podem trazer-nos graves prejuízos.

Só a luta permanente, organizada e unida, de todos os trabalhadores, consegue fazer recuar o patronato e o seu governo.

Avante colegas têxteis pelo desmascaramento de mais esta manobra do patronato, pela conquista duma direcção honesta que defenda verdadeiramente os nossos interesses.

# LUTA DA CLASSE TÊXTIL ATENTOS AS ALTERAÇÕES

## DO NOVO REGIME JURÍDICO DE TRABALHO

É certo e sabido que os capitalistas e o seu governo procuram sempre roubar com uma das mãos o que foram obrigados a dar com a outra. Assim, surgem por vezes leis que, representando conquistas das classes trabalhadoras, são imediatamente revogadas em favor de outras mais de acordo com os interesses do capital. É como se o Governo, ao elaborar tais leis, tivesse «esquecido» por momentos que é o governo dos capitalistas e estes imediatamente lhes viessem lembrar.

Na realidade, não é assim. O Governo fascista de Marcelo Caetano nunca «esquece» que é o governo dos monopólios associados ao imperialismo estrangeiro e dos latifundiários. Quando se dá o caso de elaborar uma lei ou tomar qualquer outra medida mais favorável às massas trabalhadoras, é porque estas a isso o obrigam, através da generosidade do Governo fascista ou dos capitalistas que representa, mas sim de uma conquista das massas trabalhadoras.

Sempre que isso acontece, imediatamente os capitalistas entram em acção, exigindo ao seu governo que faça marcha atrás, ponha tudo como dantes. E o governo só o não faz se as massas atingidas pela medida ou pela lei em questão mostrarem, nesse momento, uma firme disposição e capacidade de luta em de-

fesa das suas conquistas.

Vem isto a propósito do Decreto-Lei n.º 409-71, que entrou em vigor em fins de Dezembro passado e regulamenta, desde então, a duração de trabalho.

Este Decreto, para lá dos alcãpões e ambiguidades que contém, reflecte, em certos aspectos, a crescente luta das classes trabalhadoras por melhores condições de trabalho e de vida. Assim, nele se estabelece, por exemplo, o máximo de nove horas de trabalho diário para os trabalhadores das empresas onde é praticado o regime de «semanas americanas» ou «inglesas» que equivale a fixar uma semana de 45 horas de trabalho.

Ora, vendo-se na iminência de perder semanalmente o fruto de 5 horas de exploração da força de trabalho, os capitalistas reagiram imediatamente e fizeram com que o seu Governo anulasse o parágrafo que estabelecia esse horário. Isso foi possível, porque os trabalhadores não souberam encontrar formas de luta que o impedissem. É certo que os têxteis do Porto, por exemplo, enviaram ao secretário de Estado do Trabalho e Previdência um abaixo-assinado com cerca de 1.500 assinaturas, mas, ao contrário do que diziam esperar, não encontraram em Silva Pinto o melhor intérprete das suas aspirações (como é que um fascista pode ser intérprete

das aspirações dos trabalhadores?) e ficaram-se por ali.

(Este é um exemplo vivo da alteração de leis em prejuízo das massas trabalhadoras, alteração em grande medida facilitada pela pouca combatividade destas.

Neste momento, tudo leva a crer que os capitalistas e o seu Governo cozinhem, muito silenciosamente, uma nova alteração ao Decreto-Lei n.º 409-71, desta feita referente ao parágrafo 1.º do Artigo 29.º (sobre o trabalho nocturno). Af se, considera como nocturno, e portanto remunerado com acréscimo de 25%, o trabalho prestado no período que decorre entre as 20 horas de um dia e as 7 horas do dia seguinte). Pretende o patronato reduzir, este período, em 5 horas, de modo a que só seja considerado como trabalho nocturno o prestado entre as 23 e as 7 horas.

Perante isto, a classe têxtil não pode ficar de braços cruzados. Através de abaixo-assinados, telegramas e outras acções, partindo fundamentalmente de cada empresa, com concentrações junto ao Sindicato e ao INTP, façamos desde já sentir ao Governo fascista que não estamos dispostos a suportar mais este atropelo dos nossos direitos de trabalhadores.

Só pela luta é possível evitarmos que os capitalistas deconluio com o Governo fascista nos roubem aquilo que conquistámos.